

APRESENTAÇÃO: ESTUDOS EM MORFOFONOLOGIA

Luiz Carlos Schwindt (UFRGS)

schwindt@ufrgs.br

<https://orcid.org/0000-0003-0533-589>

Maria Filomena Sandalo (UNICAMP)

fsandalo@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-4595-7765>

Carlos Alexandre Gonçalves (UFRJ)

carlexandre@bol.com.br

<https://orcid.org/0000-0003-3672-3852>

É com grande satisfação que compartilhamos com a comunidade acadêmica esta edição da Revista *Organon* sobre estudos em morfofonologia. A organização do número surge da iniciativa e do esforço conjunto de três pesquisadores que vêm dedicando há algumas décadas parte importante de sua energia à investigação e à formação de recursos humanos nessa área.

Morfofonologia, como sugere o termo, é uma área da Linguística que trata da relação entre fonologia e morfologia — relação que pode ser pensada tanto do ponto de vista da comunicação entre entidades morfológicas e fonológicas quanto do ponto de vista do contato propriamente dito entre os componentes fonológico e morfológico, partes integrantes disso que costumamos rotular como gramática em modelos formais (Schwindt, 2021). Nessa abrangência, pode-se entender como morfofonológico desde o estudo da exponenciação de morfemas, o que inclui a alomorfia, passando pelo debate sobre constituição morfoprosódica e arquitetura gramatical, até a investigação de condicionadores morfológicos que incidem sobre a variação e a mudança do som, por exemplo.

Na direção proposta, o desafio desta edição foi o de selecionar trabalhos que, em primeiro lugar, se situassem na abordagem de interface fonologia–morfologia, em quaisquer das perspectivas mencionadas, e que, além disso, oferecessem contribuição qualificada.

O volume é constituído por oito textos, seis artigos, um squib e uma resenha, que são brevemente resumidos a seguir.

Abre a edição artigo de autoria de Maurício Resende, professor da Universidade Federal de Minas Gerais, que aborda o fenômeno de nominalização em português sob a perspectiva da Morfologia Distribuída. O foco são processos fonológicos e semânticos que emergem no processo de formação de deverbais e sua interpretação na Teoria de Fases (Embick, 2010). O exercício analítico promovido pelo autor o leva à constatação de que a abordagem de fases da palavra precisa ser menos restritiva de modo a permitir que vP e nP sejam computados no mesmo ciclo.

O segundo artigo, de autoria de Christina Abreu Gomes, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, trata da alternância de formas de plural, que, em princípio, não se distinguem foneticamente no singular. É o caso dos vocábulos terminados em ditongo nasal e em ditongo oral fechados por [w], que realizam o plural, respectivamente, sob as formas <ões>, <ãos>, <ães> e <is>, <us>. Na perspectiva dos Modelos baseados no Uso, em particular com base nos pressupostos dos Modelos de Exemplares (Bybee, 1988, 2023), o objetivo do trabalho é mostrar que as semelhanças entre as tendências observadas na alternância de formas de plural de diferentes paradigmas constituem evidência de que o conhecimento linguístico se organiza com base na frequência de tipo do padrão morfológico de plural, na frequência de ocorrência do item no plural, em mecanismos cognitivos como analogia e inferência probabilística no léxico mental, assim como na experiência sociolinguística do falante.

Segue-se o artigo de autoria de Felipe Vital, aluno de doutorado da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e de Amanda Macedo Balduino, professora da Universidade Estadual de Campinas, que propõe uma análise de blends lexicais resultantes de desvios não intencionais da fala decorrentes de falhas no processamento linguístico. Assumindo os pressupostos da Hierarquia Prosódica (Ito & Mester, 2009), os autores defendem que os blends em foco, à semelhança de blends fonológicos e neológicos, são formados considerando compartilhamento de estatuto silábico entre bases e escansão de pés métricos. Também enfatizam a relevância da semelhança segmental como fator pragmático de sucesso em contextos não intencionais de produção de blends, superando seu papel na formação de blends neológicos.

Na sequência, o texto de César Elidio Marangoni Junior., estudante de doutorado da Universidade de São Paulo, aborda diferenças e semelhanças entre os fenômenos de hipocorização e truncamento morfológico. A análise de dois corpora com dados do português brasileiro aponta para a dificuldade de postulação de um padrão geral de formação. Considerada essa variabilidade, o autor esboça uma proposta de modelagem para as duas operações no escopo da versão fonologicamente enriquecida da Morfologia Distribuída proposta por Haugen

(2011). A hipótese é a de que o truncamento é uma alternativa de exponenciação de um morfema avaliativo presente na estrutura sintática que veicula uma leitura apreciativa. Informações sobre estrutura silábica, ancoragem e sobre a presença de um sufixo adicional estariam codificadas nos Itens de Vocabulário — nos expoentes propriamente ditos ou em diacríticos.

O quinto artigo, de autoria de Ivelã Pereira, professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, Campus Chapecó, e Ana Agostinho, professora da Universidade Federal de Santa Catarina, trata da alternância vocálica observada em português brasileiro em formas verbais fechadas por <amos>, que pode se manifestar como <emo>, e <emos>, que pode se manifestar como <imo>. As autoras defendem que não se trata de um alçamento de base puramente fonológica, mas de um fenômeno morfofonológico motivado por tempo-modo-aspecto. Fazendo uso de entrevistas do banco de dados VARLINFE (Variação Linguística na Fala Eslava), os argumentos são o contraste dos índices de alçamento desse fenômeno, tipicamente de pauta tônica, aos encontrados no contexto de sílabas átonas e o fato de a elevação em questão ser mais recorrente quando está envolvida morfologia de passado, em oposição a formas do presente.

O último artigo, de autoria de Camila Witt Ulrich, professora da Universidade Federal do Pampa, campus Jaguarão, propõe uma análise acústica das vogais médias-baixas presentes na base de palavras complexas do português brasileiro formadas pelos sufixos -inhV, -zinhV, -mente e -íssimo. A ideia é problematizar o status de palavra independente dessas bases. O estudo experimental empreendido mostrou que vogais médias-baixas de formações complexas com -zinho e -mente apresentam posicionamento similar à vogal da base, ao passo que formações com -inho têm vogais iniciais que se distanciam mais da vogal da base.

O primeiro texto da seção livre é um squib de autoria de Heloísa Nogueira Marques, estudante de graduação da Universidade Estadual de Campinas, e Karin Camolese Vivanco, professora dessa mesma universidade, que aborda formas nominais inovadoras em que emerge marca de gênero masculino, como feminista, por exemplo. As autoras problematizam a análise de Schwindt (2011), concebida na perspectiva do Serialismo Harmônico (McCarthy, 2007) e da Optimal Interleaving (Wolf, 2008), explorando as hipóteses de gramáticas em competição e de emergência de -o como processo derivacional, dado o significado peculiar que as formas analisadas veiculam.

O segundo texto da seção livre, que encerra a edição, é uma resenha assinada por Pedro Eugênio Gaggiola, Isabela Prisco Petry & Luiz Carlos Schwindt, sobre o artigo intitulado Alguns casos de formação de plural em português: uma abordagem natural, de autoria de Maria Bernadete Abaurre, referido como Abaurre-Gnerre (1983). A resenha recupera os principais argumentos do artigo, que apresenta uma proposta bastante inovadora à época para o tratamento de plurais de palavras fechadas por ditongo nasal em português, criticando o grau exacerbado de abstração da análise empreendida pela Fonologia Gerativa Clássica, contrastada à abordagem da Fonologia Gerativa Natural (Vennemann, 1973; Hooper, 1973).

Descritos os artigos que compõem esta edição, vale destacar, por fim, que este número da *Organon* vem a público num contexto que consideramos de especial relevância para a área no mundo e, de modo particular, no Brasil. Em 2024, dois modelos teóricos de grande impacto em Fonologia e Morfologia completaram três décadas de sua proposição inicial: a Teoria da Otimidade (McCarthy & Prince, 1993[2004]; Prince & Smolensky, 1993) e a Morfologia Distribuída (Halle & Marantz, 1993). Embora o volume não se restrinja a pesquisas realizadas na perspectiva desses modelos, celebra sua inegável relevância no amadurecimento do que se vem entendendo sobre o estatuto da fonologia e da morfologia, sobre seus limites e sobre sua relação. Além disso, celebram-se, por feliz coincidência, os 20 anos da criação do Círculo MorPhon, grupo de estudo e pesquisa em morfofonologia com sede na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, do GREMD, Grupo de Estudos em Morfologia Distribuída, com sede na Universidade de São Paulo, e do NEMP (Núcleo de Estudos Morfológicos do Português), com sede da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Esses grupos, em associação com outros importantes núcleos de investigação no Brasil, vêm contribuindo com a formação de pesquisadores e com estudos de impacto significativo em fonologia e morfologia e na interface entre essas áreas. Nesse cenário festivo, inclui-se, ainda, a celebração do centenário da Professora Leda Bisol, referência incontestada no Brasil no segmento em que se insere esta publicação.

Esperamos que esta edição se some de modo relevante aos estudos na interface fonologia-morfologia, tanto no que diz à descrição do português e de outras línguas contrastadas ao nosso idioma quanto para a progressão das teorias envolvidas nos trabalhos aqui publicados.

REFERÊNCIAS

ABAURRE-GNERRE, M. B. M. Alguns casos de formação de plural em português: uma abordagem natural. *Cadernos De Estudos Linguísticos*, v. 5, p. 127-156, 1983.

Organon, Porto Alegre, v. 39, n. 78, jul/dez. 2024.

DOI: 10.22456/2238-8915.144788

BYBEE, Joan. Morphology as lexical organization. In HAMMOND, Michael; NOONAN, Michael (Orgs.). *Theoretical morphology*. San Diego: Academic Press, 1988, p. 119-141.

BYBEE, Joan. What is Usage-Based Linguistics? In DIAZ-CAMPOS, Manuel; BALASH, Sonia (Orgs.). *The Handbook of Usage-Based Linguistics*. New Jersey: Wiley-Blackwell. 2023, p. 7-29.

EMBICK, David. *Localism versus Globalism in Morphology and Phonology*. Cambridge: MIT Press, 2010.

HALLE, Morris; MARANTZ, Alec. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In HALE, K.; KEYSER, S. K. (orgs.). *The View from Building 20; Essays in Honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge, Mass: MIT Press, 1993, p. 111-176.

HAUGEN, Jason D. Reduplication in Distributed Morphology. *Coyote Papers: Working Papers in Linguistics, Linguistic Theory at the University of Arizona 18*, p. 1-27, 2011.

HOOPER, Joan Bybee. Aspects of natural generative phonology. *Tese de doutorado*. University of California, Los Angeles, 1973.

ITO, Junko; MESTER, Armin. Recursive prosodic phrasing in Japanese. In: Toni Borowsky, Shigeto Kawahara; Mariko Sugahara; Takahito Shinya (org.). *Prosody Matters*. Essays in Honor of Elisabeth Selkirk. Advances in Optimality Theory Series. Elsevier, 2009[2012], p. 280-303.

MCCARTHY, John.; PRINCE, Alan. *Prosodic morphology I: Constraint interaction and satisfaction*. Amherst, MA University of Massachusetts, 1993.

MCCARTHY, John. *Hidden generalizations: phonological opacity in Optimality Theory*. London: Equinox, 2007.

PRINCE, Alan; SMOLENSKY, Paul. *Optimality theory: Constraint interaction in generative grammar*. Malden: Blackwell Publishing, 1993[2004].

SCHWINDT, Luiz Carlos. Zeros na morfologia nominal portuguesa à luz da Optimal Interleaving Theory. *ReVEL*, edição especial n. 5, 2011.

SCHWINDT, Luiz. Morfofonologia. In: *Speech Sciences Entries*. Speech Prosody Studies Group., 2021. Disponível em: <https://gepf.falar.org/entries/21>.

VENNEMANN, Theo. Phonological concreteness in natural generative grammar. In R. Shuy; C. J. Bailey (org.) *Towards tomorrow's linguistics*. Washington D. C.: Georgetown University Press, 1973.

WOLF, Matthew Adam. Optimal Interleaving: serial phonology-morphology interaction in a constraint-based model. *Tese (Doutorado em Filosofia)*, Departamento de Linguística, Universidade de Massachusetts Amherst, p. 513. 2008.

DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.144788>